



Emboscada irresistível

► **Não se iludam: Fachin continua filiado ao Partido da Lava Jato, que nunca pretendeu fazer justiça**

"A ha, Uhu, o Fachin é nosso." É o que gritava a sempre festiva militância petista, dissipada a momentânea incredulidade diante da decisão proferida pelo ministro de bigodes e costeletas à moda do Village People, nos embargos de declaração ao *Habeas Corpus* 193.726. O acolhimento do filho pródigo, mas rebelde, que enfim voltava à casa, era mais um acesso de delírio daqueles que não viam ali uma irresistível emboscada.

Na Suprema Corte se faz política, e Fachin não é exceção. Ele continua filiado ao Partido da Lava Jato, que nunca se empenhou em fazer justiça pela aplicação da lei: a regra, como provou o *hacker* de Araquara, era a injustiça por linhas tortas.

A decisão inesperada, que anulou ambas as condenações de Lula e restituiu seus direitos políticos para inseri-lo no epicentro da disputa presidencial de 2022, tinha alvo certo. Pretendia salvar a pele de Sergio Moro, uma espécie de troca silenciosa: "Eu lhes dou Lula, a troca de Moro". A suspeição do ex-juiz, ex-ministro e atual consultor da Odebrecht era favas contadas. Ferro quente no lombo do cabra que garantistas e corruptos, unidos circunstancialmente, marcaram para morrer. Fachin queria mesmo aliviar a corrida pela caça, sob a pretensão de que, conferida a segurança no *habeas corpus*, perderia objeto o recurso em que Lula pretendia fosse reconhecida a suspeição de Moro.

Esse propósito e a absoluta concertação entre Fachin e os lavajatistas foram certificados pelo *tuíte* de Deltan Dallagnol (uma verdadeira delação premiada), postado na mesma tarde em que a decisão foi divulgada. O combalido galã do lavajatismo temperou as coisas para explicar que o seu ministro de bolso fez o que pôde, e que, num acesso de coerência e bom-mocismo, depois de manter Lula preso por 580 dias e de dizer amém para todos os excessos da República de Curitiba, simplesmente aplicara a jurisprudência preponderante da Corte.

Ao fim e ao cabo, a Lava Jato batia em retirada, um recuo estratégico, a entrega de alguns dedos para não perder a mão, ou pior. Assim, Moro não receberia a marca indelével da parcialidade, a revelação cortante das mensagens comprometedoras escassearia, a força-tarefa salvaria ao menos uma fina camada de verniz da evanescente narrativa de heroísmo, e deixaria de ser alvo indistinto de petistas e bolsonaristas, ofertados, então, uns aos outros. Foi, na linguagem do xadrez, um Sacrifício de Liberação.

Não contavam que o capitão-do-mato Gilmar Mendes daria um xeque Duplo e pautaria o julgamento da suspeição de Moro, que, no fim da tarde de segunda-feira 8, passaria o recibo da paúra, ao defender, resfolegado, que a decisão de Fachin era fim de jogo (não era?), enquanto a música de McCartney não lhe saía da cabeça: *Suddenly. I'm not half the man I used to be. There's a shadow hanging over me. Oh, yesterday came suddenly...*

Enquanto isso, Lula, a fênix, comemorava com o pouco que sobrou dos gloriosos quadros do PT (alvejados por si ou pela Lava Jato), não mais contente, todavia, do que Bolsonaro, que ganhou do

Supremo o brinquedo preferido e a obliteração da sua responsabilidade pelos, até agora, 266.398 mortos na pandemia. Paulo Guedes fazia declarações de bom samaritano, e o próprio Bolsonaro reconhecia a virulência do vírus para o presidente da Pfizer.

O centro, em prantos, reclamava da decisão que, mais uma vez, lançara o Brasil na vala da polarização, incinerando as chances de Doria, Leite, Mandetta, Ciro, Huck *et cetera*.

Lula queria Bolsonaro e Bolsonaro queria Lula. O Supremo deu um ao outro, diante dos olhos aflitos do grande capital. Os homens e as mulheres da Faria Lima perguntavam enquanto roíam as unhas: depois da cana brava, da morte de Marisa Letícia, do neto Arthur e da humilhação em praça pública, Lula voltaria a ser o Lula-paz e amor? Gato gordo ou jararaca? Ele que nos deu tanto e cuja mão mordemos como cães ingratos? É claro que não.

O capital é covarde e incrédulo. E, por isso, muitos dos que engrossavam o coro de "fora Bolsonaro", planejando o triunfo de uma candidatura centrista, acordaram mudos na manhã de terça, sob a certeza de que o "Mito" lhes tomou mais uma vez o coração e, antes dele, o bolso. Mais vale um Bolsonaro na mão do que um Lula no pescoço.

Lula caminha a passos largos na direção de uma emboscada, uma irresistível emboscada, que, superada, pode levá-lo, mais uma vez, à redenção, numa vida marcada pelo ciclo interminável de dor, superação e glória. Isso, contudo, se não for superado nas urnas, democraticamente (ou quase), pelo capitão de milícias, apoiado a contragosto (ou nem tanto) pelos verdadeiros donos do Brasil. •

redacao@cartacapital.com.br

RICARDO SOARES